

Discursos universalizantes do cuidado e as consequências da desconsideração da diferença: notas sobre o Centro de Valorização da Vida, em Curitiba

Henrique da Costa Valério Quagliato¹; Marlene Tamanini²

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de compreender como se cruzam as experiências de mulheres e homens que oferecem gratuitamente escuta e apoio emocional em prol da prevenção de suicídio e os discursos que informam essa prática dentro do Centro de Valorização da Vida (CVV) em Curitiba. Para isso, o artigo se desenvolve em três partes principais. Primeiramente, são descritos o perfis das entrevistadas e entrevistados, entendendo como, em consonância com os indivíduos que compõem outros postos do CVV já estudados, configura-se aqui uma inversão parcial em relação aos grupos geralmente responsabilizados pelo cuidado. Em seguida, é apresentada uma genealogia dos componentes discursivos (religiosos e psicológicos) que pautam o modelo de atendimento oferecido pela entidade; em terceiro lugar, são discutidos os perigos de perspectivas universalizantes contidos na prática desse protocolo. Em conclusão nota-se que a desconsideração da diferença que perpassa as bases da entidade inviabilizam uma discussão política sobre o cuidado.

¹ Aluno bolsista CAPES do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Contato: henriquequagliato95@gmail.com.

² Professora no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná e coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero da mesma universidade. Contato: tamaniniufpr@gmail.com.

Universalizing discourses of care and the consequences of ignoring difference: notes about the Centro de Valorização da Vida in Curitiba

Abstract

This paper aims to understand how the experiences of women and men who offer listening and emotional support in suicide prevention voluntary work and the discourses that inform this practice within the Centro de Valorização da Vida (CVV) in Curitiba are connected. This text is developed in three parts. Firstly, we describe the profiles of the interviewees, understanding how, in line with other voluntaries of CVV, a partial inversion in relation to the groups generally responsible for care is configured. Then, a genealogy of the discursive components (religious and psychological) that guide the model of service offered by the entity is presented; thirdly, the danger in the universalizing perspectives in the practice of this kind of care are discussed. In conclusion, it is noted that the disregard of the difference that permeates the basis of the entity makes a political discussion about care unfeasible.

Introdução

É seguro dizer que o Centro de Valorização da Vida (CVV) é a maior organização voluntária engajada em torno da prevenção de suicídio no Brasil. Fundada em 1962, na Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), a entidade desenvolve um serviço nomeado como oferta de escuta e apoio emocional – uma herança dos atendimentos fraternos realizados dentro do espiritismo, revigorada através da apropriação das bases universalistas da psicologia humanista. Sendo uma iniciativa nacionalmente reconhecida, atualmente a entidade está presente em 18 estados e no Distrito Federal. Conta com cerca de 2.600 atendentes e quase uma centena de postos espalhados pelo país, recebendo, diariamente, cerca de 11.000 ligações³. Desde a década de 1970, a organização é reconhecida como um serviço de Utilidade Pública Federal e, em 1990, participou da elaboração da Estratégia Nacional de Prevenção de Suicídio organizada pelo Ministério da Saúde. Desde 2015, auxilia na

³ Ainda que o atendimento telefônico seja o principal meio de contato oferecido pelo CVV, também é oferecido atendimento presencial, ou através de *chat online* e *e-mail*.

elaboração e promoção do “Setembro Amarelo”, uma campanha a respeito da conscientização e do debate em torno da questão nacional do combate ao suicídio, produzindo diversas atividades com o objetivo de trazer atenção ao tema.

Fruto de uma dissertação apresentada no início deste (QUAGLIATO, 2020), este trabalho tem o objetivo de, partindo de uma perspectiva localizada nos estudos do cuidado, compreender criticamente como se cruzam as experiências de mulheres e homens que oferecem gratuitamente escuta e apoio emocional em prol da prevenção de suicídio e os discursos que informam essa prática dentro do Centro de Valorização da Vida (CVV) em Curitiba⁴. Tendo esse objetivo em mente, nos debruçamos sobre um conjunto de manuais e livros publicados por membros do Centro de Valorização da Vida a partir de 1987 - ao qual aplica-se uma análise de discurso (FOUCAULT, 2010). Construiu-se também uma observação participante e foram realizadas oito entrevistas semi-estruturadas com pessoas que se voluntariaram no passado ou ainda fazem parte do CVV em Curitiba. A análise conjunta desses materiais preocupa-se em, a partir de uma perspectiva da diferença (ECHANDÍA, 2015), entender a construção histórica e socialmente localizada das experiências de subjetividades (SCOTT, 1991) transpassadas pela artesanaria das experiências de gênero.

O texto está organizado da seguinte maneira: em primeiro lugar, descrevemos os perfis das entrevistadas e entrevistados, entendendo como, em consonância com os indivíduos que compõem outros postos do CVV já estudados, configura-se aqui uma inversão parcial dos perfis do cuidado; em seguida, é construída uma breve genealogia dos componentes discursivos (religiosos e psicológicos) que pautam o modelo de atendimento oferecido pela entidade; em um terceiro momento, apresentamos uma reflexão sobre os riscos das

⁴ Fundado em 1980, o posto da capital paranaense conta com cerca de 70 atendentes e recebe mais de 220 ligações todos os dias - que devem ser somadas aos outros serviços de discussão e acolhimento promovidos para a comunidade.

perspectivas universalizantes contidos na prática desse protocolo e; por fim, na última seção, refletimos sobre as consequências políticas dos pilares que baseiam essa forma de cuidar.

O Centro de Valorização da Vida à luz do cuidado

Como afirma Tronto (2013), uma definição mais ampla do cuidado como conjunto de atividades e disposições ligadas a manutenção do bem-estar e reparação da vida nos leva a valorizar as vulnerabilidades e necessidades de cuidado que marcam uma existência coletiva repensada à luz da interdependência como base para a construção de um regime democrático. O projeto para uma democracia do cuidado, como estabelecido pela autora, nos desafia a reformularmos nossas relações com a sociedade entendendo as distribuições e reconhecimentos do cuidado como fator central para que vivamos de forma mais justa e igualitária.

O Centro de Valorização da Vida ocupa um lugar curioso em relação aos estudos do cuidado. Ao longo dos anos, constatou-se que, globalmente, as atividades do cuidado são comumente realizadas por aqueles e aquelas que vivem em piores condições socioeconômicas – populações pobres, pessoas de baixa escolaridade, negros, negras e imigrantes – a serviço das parcelas privilegiadas da sociedade (TRONTO, 2013; HIRATA; GUIMARÃES *et al*, 2012). De igual importância é notar que, como lembram Pascale Molinier, Sandra Laugier e Patricia Paperman (2010), as responsabilidades do trabalho do cuidado são assimetricamente distribuídas entre os gêneros. A feminilização do cuidado está, para as autoras, embutida no próprio processo de socialização das meninas – o cuidar se torna, nesse sentido, também uma atividade através da qual a feminilidade é construída historicamente. Ora, como mostra o quadro contido no Anexo I, a situação do CVV se configura de maneira bastante diferente.

A localização social das pessoas com as quais conversei em minhas entrevistas – sendo bastante similar ao perfil descrito por

Dockhorn e Werlang (2009) em sua pesquisa sobre os postos do CVV no Sul do Brasil – é quase diametralmente oposta aquela que define quem normalmente carrega a responsabilidade das práticas do cuidado globalmente: as pessoas que cuidam através do Centro de Valorização da Vida pertencem aos quadros economicamente seguros, brancos e altamente escolarizados. Em nossa sociedade, esse é o grupo que geralmente faz uso de serviços desvalorizados do cuidado. Como afirma Joan Tronto (2013, p. 118), é justamente por causa dos benefícios sobre os quais se apoia que essas camadas sociais podem se dedicar ao trabalho voluntário. Isso lhes garante o que a autora define como um passe livre para não pensar sobre as desigualdades da distribuição e das responsabilidades do cuidado concedido a estratos privilegiados por causa de seu esforço caridoso. Contudo, um traço da composição do voluntariado dentro do Centro de Valorização da Vida persiste semelhante ao perfil do cuidado no resto do mundo: sua maioria feminina. Assim como Dockhorn e Werlang (2009) descrevem que as filiais da entidade estudadas eram marcadas por um perfil 68% feminino, as observações participantes e afirmações dos próprios entrevistados e entrevistadas também sustentam a afirmação de que o posto do CVV em Curitiba é composto por mulheres, majoritariamente.

Sabendo disso, o Centro de Valorização da Vida se torna um espaço de complexidades importantes para um alargamento da epistemologia da área e suas consequências políticas. À luz da ideia de um cuidado realizado democraticamente e servindo como base para a elaboração de uma sociedade mais igualitária, como pensar o modelo de cuidado elaborado pelo CVV?

Uma breve genealogia da noção de pessoa dentro do Centro de Valorização da Vida

A noção de pessoa, como a de sujeito, foi, por muito tempo, tomada como elemento trivial e elementar da vida cotidiana. Dentro e fora da sociologia, muitas vezes tudo parece se passar como se essas

fossem parte de uma substância estável à qual se adicionariam camadas secundárias – papéis, funções, personalidades, classes, raças, gêneros. Porém, para que possamos entender as consequências políticas do modelo de cuidado oferecido pelo CVV, será necessário perturbar a tautologia das coisas e, como disse Foucault, em *As palavras e as coisas* (1999), restituir as rupturas e instabilidades ao solo silencioso da cultura ocidental que pressupõe o sujeito moderno.

Ao longo dessa análise, foram encontrados dois componentes discursivos distintos veiculados dentro da história do Centro de Valorização da Vida. Falamos aqui da preservação de sentidos cristãos da doação de si – herança das origens espíritas da entidade – e da operacionalização do conceito de pessoa – como formulado dentro da psicologia de Carl Rogers – para o atendimento dos mais diversos perfis através do CVV. Como dispositivos ativados internamente, eles funcionam como um código de referência cuja iteração constrói a performatividade (BUTLER, 2011; 2013) possível do cuidado nos moldes do Centro de Valorização da Vida. Eles delimitam os limites e justificativas para uma concepção das formas que se pretendem válidas para “saber ouvir” outros. Oferecem parâmetros subjetivos para que um cultivo de si opere as transformações necessárias para voluntárias e voluntários que desejam cuidar através do CVV.

Ainda que, a partir da década de 1970, o Centro de Valorização da Vida tenha se tornado uma entidade que pretende atuar sem vínculo com qualquer religião, uma investigação de suas heranças espíritas poderá nos ajudar a entender como o encadeamento de determinados sentidos da doação de si permanecem informando as práticas de cuidado dentro da entidade. Como dito anteriormente, o CVV nasce dentro da Federação Espírita do Estado de São Paulo, uma escola iniciática – na época, dirigida por Edgard Armond, nome importante para a história do espiritismo no Brasil – voltada para jovens e procura promover em seus alunos o amadurecimento espiritual e a realização prática de valores religiosos através de atividades sociais.

Nesse sentido, a fundação dessa entidade voluntária que busca prevenir o suicídio responde, em forma de aplicação social, à máxima da conduta espírita: não há salvação fora da caridade. Em uma das principais obras de codificação da doutrina espírita – *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (2008) – Allan Kardec prescreve a doação de si como eixo central da vida moral cristã que segue o evangelho de Jesus Cristo. Mais que um ato, a doação de si torna-se uma forma de ser – um projeto de aperfeiçoamento espiritual que é individual e, ao mesmo tempo, abrange toda a humanidade (KARDEC, 2008, p. 112). Torna-se uma forma de construir uma sociedade mais fraterna.

Junto do encadeamento de discursos altruístas do cuidado – que reafirmam a separação entre as práticas do cuidar e a discussão política sobre a construção histórica dos significados dessas atividades – dentro do CVV circula outro símbolo cristão da caridade dotada de uma isenção política similar. Estampando a capa das primeiras edições dos manuais para voluntários e presente até hoje em livros que remontam a trajetória da entidade e em partes do Curso de Seleção de Voluntários (CSV), a parábola bíblica do Bom Samaritano permanece como exemplo de conduta dentro do Centro de Valorização da Vida.

A escolha da figura do samaritano tem, na alegoria bíblica, a função de prescrever a desconsideração das diferenças sociais frente ao primado da caridade como mandamento fundamental do evangelho inspirado por Jesus Cristo. Pertencentes a um reino dissidente de Jerusalém, os habitantes da Samaria representavam inimigos aos reis de Judá e, por isso, eram figuras desprezadas pelos judeus. A adjetivação positiva à figura do samaritano pretende chamar atenção para a natureza bondosa e humilde no interior do inimigo que, quando tomado pela compaixão – imperativo maior da palavra cristã – ignora as diferenças e conflitos sociais e se presta a cuidar de seu rival caído a beira da estrada como se as diferenças entre os dois não importassem.

Em sua interpretação do evangelho, Kardec (2008) prescreve a caridade como princípio de conduta moral da acolhida fraterna que

deve ignorar as diferenças sociais – entre superiores e inferiores, como já vimos em citações anteriores, mas também para com criminosos, inimigos e outros perfis marginalizados da sociedade. A fraternidade depende da obrigação de amar o próximo, independentemente de seu lugar social: “Deveis amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, se se arreperderem, como a vós mesmos, pelas faltas que cometeis contra sua lei” (KARDEC, 2008, p. 116). Em suma “O devotamento é cego” (KARDEC, 2008, p. 117).

Dentro do CVV, o esforço de acolhimento daquele que pensa em dar cabo à própria vida significava ir de encontro a diversos tabus religiosos. E, embora seja reconhecido o impacto das desigualdades sociais e preconceitos na formação de perfis suicidas, o Centro de Valorização da Vida não se preocupa com a promoção de igualdade e justiça social, por exemplo. No escopo de sua atuação, a pessoa é alocada fora do mundo social. Na lógica interna dos discursos da entidade, ocupações profissionais, filiações religiosas, condições de cidadania, status econômico, gênero, sexualidade, raça ou classe são divisões superficiais que precisam ser ignoradas quando o objetivo é promover a escuta e o apoio para que os atendidos possam lidar com sentimentos que existem em uma camada mais profunda. Assim, para um dos autores dos livros memoriais do CVV, a seguinte divisão deve ser estabelecida:

Para a UNESCO, existe um ciclo social humano, no qual está em jogo a vida cidadã, a pessoa civil, sua formação e destinação política. Para o CVV, o ciclo humano é existencial e o que está em jogo é a pessoa em si, sua individualidade mais profunda, o sentido e significado maior de sua vida. (SANTOS, 2012, p. 100).

Essa separação discursiva entre esferas mais superficiais e mais profundas da natureza humana, contudo, não se deve apenas à influência da permanência de sentidos da caridade cristã que são veiculados por conta das heranças espíritas da entidade. Na mesma

década em que se inicia o processo de laicização do CVV, também começa a ser inserida na entidade a doutrina do psicólogo humanista norte-americano Carl Rogers. Hoje, a maior parte dos exercícios de treinamento, dinâmicas grupais e, principalmente, os protocolos de atendimento que existem no Centro de Valorização da Vida são transpassados pela concepção de pessoa elaborada pelo autor na segunda metade do século XX.

Os perigos da desconsideração da diferença

Construída como alternativa ao pessimismo que pautava o trauma edipiano como princípio metodológico da psicanálise e eticamente contrária aos protocolos mecanicistas do behaviorismo de Skinner, a psicologia humanista de Rogers surge com o objetivo de oferecer as condições psicológicas para a ativação de uma tendência universal ao amadurecimento, crescimento, autonomia e auto-realização pessoal através da terapia centrada no cliente. Sua metodologia – baseada na ideia da construção de um espaço onde a autenticidade, aceitação incondicional a compreensão e a consideração da natureza positiva do ser humano – mais tarde se transforma em uma abordagem de uma pessoa como substância existencial interior presa por máscaras ligadas as pressões da sociedade sobre o indivíduo. A efetividade e a validade dessa terapia se pretende na possibilidade de deslocar essa substância interior das questões superficiais que a impedem de emergir.

Ao longo de *Tornar-se Pessoa* (2018), Rogers apresenta a afirmação de que o modelo não-diretivo é uma proposta ligada às relações humanas em geral – abrangente para os campos escolares, familiares, políticos, empresariais, artísticos e outros. A única maneira pela qual é possível propor uma formulação sua lei geral para as relações interpessoais é através de uma das principais proclamações do trabalho rogeriano: “aquilo que é mais pessoal é o que há de mais geral”

(ROGERS, 2018, p. 30, destaques do autor). Mais a frente, o autor afirma:

Parece-me possível que estejamos testemunhando a emergência de uma nova área das relações humanas, na qual podemos especificar que dada a existência de certas condições de atitude, então a ocorrência de determinadas mudanças definíveis se dará (ROGERS, 2018, p. 42).

A autoridade do processo de investigação psicológico concede a Rogers licença discursiva de acesso ao mundo interior e à anterioridade universal de uma substância que responderá sempre da mesma maneira frente a condições específicas.

Contudo, essa vontade de autenticidade e consideração positiva da pessoa enraíza-se a uma realidade histórica específica. O criador da abordagem centrada na pessoa faz parte de um movimento histórico de resposta ao conformismo e à sociedade burocrática dos anos 1950, construindo-se como voz dos anos 1960 em busca da criatividade subjetiva, da libertação e realização pessoal, assim como da crítica ao estilo mecanicista que organizava a vida das grandes potências econômicas e bélicas durante a guerra fria. Como afirmam Duane e Sidney Schultz (2007), o pensamento da psicologia humanista está diretamente ligado ao *zeitgeist* dos movimentos hippies e de contracultura de parte da experiência da juventude americana da época. Segundo os autores, as características do sujeito saudável e funcional de Rogers se constroem de maneira que ele deve ser aberto à experiência, deve viver inteiramente cada momento, deve ser guiado por seus instintos (mais que pela razão), procura liberdade de pensamento e ação, quer maximizar seu potencial e exercitar um alto grau de criatividade (SCHULTZ; SCHULTZ, 2007, p. 491). Nesse sentido, a abordagem rogeriana reimagina o sujeito do campo psi frente a afirmação de uma interioridade universalizada, mas que só pode ser expressa pelo vocabulário da contracultura dos anos 1950 e 1960. Sua teoria da personalidade promove o mundo interno como

substância ontológica que se pretende a-histórica, universal e propriamente revolucionária à medida que tem sido refreada.

Seu pertencimento à década de 1960 é também o contraste que denota a desconsideração das diferenças sociais do qual falamos anteriormente. Nos Estados Unidos e em parte da Europa, essa é a década em que sujeitos até então pouco representados na discussão política e popular começam a protagonizar narrativas próprias e reivindicar reconhecimento. Para Rogers, contudo, as subjetividades de negros, mulheres imigrantes latinos e outros grupos que tiveram suas vozes ouvidas através conflitos do início da segunda metade do século XX são concebidas apenas como roupagens de um movimento mais profundo e universal de ascensão *da pessoa*.

No sistema rogeriano das inter-relações, a pessoa é a entidade através da qual as experiências desses sujeitos são homogeneizadas. Os “novos sujeitos” que tomam para si representação social com, por exemplo, a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, têm seus esforços de emancipação política interpelados por uma narrativa onde são apenas coadjuvantes de um movimento maior de libertação do que Rogers imagina ser a própria natureza humana. Desconsidera a diferença das experiências sociais. Elas serão vistas apenas como roupagens de um processo maior de emancipação da pessoa.

Inseparavelmente, o CVV define-se como movimento que partilha da contracultura e dos movimentos inconformistas da juventude dos anos 1960 na produção de uma utopia ligada à superação da sociedade de massas (SANTOS, 2012, p. 37), à emergência da autenticidade e da criatividade pessoal frente a uma ruptura com a cultura industrial do progressismo (SANTOS, 2012, p. 38) e também a uma construção de uma sociedade mais tolerante e espiritualizada (SANTOS, 2012, p. 39). Ao mesmo tempo, o CVV também se pretende um local para processos cognitivos mais voltados para a razão que a emoção (SANTOS, 2012, p. 98).

Contudo, operando com o conceito rogeriano de pessoa, o Centro de Valorização da Vida também reverbera da universalização de uma subjetividade historicamente localizada em seus métodos de atuação. Na verdade, a pessoa rogeriana é uma *interface* através da qual as histórias específicas de pessoas que buscam ajuda da entidade podem ser traduzidas dentro de um outro generalizado. Assim, voluntários e voluntárias podem aplicar as mesmas ferramentas para conduzir diferentes atendimentos para cuidar de pessoas com experiências diversas. Uma citação ilustra essa afirmação. No encontro com uma de nossas entrevistadas – Paloma, técnica de enfermagem de 33 anos – a questão de temas vistos pela opinião pública como mais polêmicos recebeu essa resposta:

E: [...] como é que era tratar de temas que são meio polêmicos? Por exemplo, atendimento de população LGBT, atendimento de usuário de drogas etc...?

Paloma: a gente nunca fez essa diferenciação, assim...

E: mas esses tópicos não surgem nas discussões, assim?

Paloma: ((faz que não com a cabeça))... porque, pra gente, todo mundo é igual.

E: aham... entendi.

Mais que um simples igualitarismo, Paloma também está falando da filosofia do CVV, que pretende atuar no íntimo, no âmbito da pessoa rogeriana, nesse espaço onde todos são iguais para além de suas experiências sociais, máscaras ou fachadas. O cuidado oferecido através da interface rogeriana estrutura-se sobre um imperativo humanista da universalidade de um sujeito psicológico anterior à experiência social. Quando um indivíduo – que tem sua profissão, sexualidade, raça, religião e gênero – busca o serviço do CVV, quem o atende deve exercer o cuidado procurando no atendido a pessoa rogeriana que baseia todo o modelo não diretivo de conduta. Deve, portanto, ignorar as camadas “superficiais” de sua narração e focar-se

no âmbito interno onde a tendência ao amadurecimento, autonomia e autorrealização podem ser liberados.

Na experiência das voluntárias e voluntários, a performatividade desse tipo de cuidado envolve um conjunto de estratégias para a realização prática da escuta e apoio emocional que se baseiam nos pressupostos discursivos dos quais tratamos acima. Para Gabriel, por exemplo, a reafirmação de uma distinção entre problema e sentimento o ajuda a encontrar, na narrativa do atendido, algo que supere a diferença estética e superficial das situações para se focar na interioridade individual:

o que mais me ajudou nesse sentido é diferenciar problema de sentimento. Então, vamos pegar... a família tá precisando de grana, tá desempregado, tá fodido, não consegue sustentar a família, tal... Cara, a solução pra esse problema é ridiculamente fácil. É só a pessoa encontrar um emprego. É muito fácil resolver. Agora, em que momento essa pessoa, esse amigo, esse familiar vai ouvir uma pergunta assim "cara, e como é que tu tá se sentindo?". "Ah, me sinto um falido, sinto que não dou conta... que um homem que não consegue sustentar a família não serve pra nada" ... sem querer tirar esse sentimento dela e dar espaço, você fala "cara, como é que é isso? De onde tu acha que vem?"... sabe? Oferecer o espaço pra que a pessoa possa expor o sentimento dela. A gente tende a falar "não, mas não é bem assim". Então, quando a gente vai por esse lado, qualquer problema é igual. A situação de desemprego, o aborto, o assassinato, a doença... Porque o problema, nesse sentido, é o que menos importa. [...] Às vezes a gente quer, sabe, pegar mais na estética da coisa...

Essa estratégia de manejo se baseia na ideia de que a efetividade da relação de ajuda como apropriada pelo Centro de Valorização da Vida depende do plano ontológico onde atua. Mesmo lidando com inúmeras personalidades e uma infinidade de diferentes situações, as voluntárias e voluntários do CVV cuidam através da projeção de um *outro generalizado*. Paradoxalmente, a atenção

individual oferecida pelo Centro de Valorização da Vida se baseia na busca de um modelo abstraído e generalizado de pessoa – que responde a um modelo de atuação terapêutica e reimaginação do sujeito do campo psi frente às mudanças historicamente localizadas na segunda metade do século XX. Com efeito, a pessoa rogeriana é apropriada pelo CVV como uma interface que torna possível a aplicação das mesmas atitudes básicas para o cuidado dos mais diversos tipos de indivíduos e problemas pessoais que surgem para os voluntários e voluntárias. Dentro do Curso de Seleção de Voluntário, explica-se que o movimento fundamental que representa a compreensão empática é o de “vestir uma roupa do outro. Se olhar no espelho e ver esse outro, sabendo que é você por dentro dessa roupa”. Assim, para *viver e sentir* como outro, é necessário *vestir-se* do outro.

Para o propósito deste texto, é fundamental que questionemos quais são as condições discursivas para que esse tipo de intercambialidade seja possível. Ela se apoia sobre a prescrição de uma diferença propriamente essencial – e hierárquica – entre os âmbitos de dentro e fora. Para que possa existir discursivamente, essa ordem das coisas prescreve dois âmbitos existencialmente distintos, constituídos de propriedades fundamentalmente diferentes. Nessa metafísica da internalidade e externalidade, tudo se passa como se, antes de mais nada, existisse um núcleo sólido, uma substância elementar. Só depois, em um segundo momento, é que a fardagem entra em cena. Constituído o âmbito da essência, a aparência terá onde se apoiar ontologicamente.

Como vimos, a relação de ajuda proposta pelo Centro de Valorização da Vida se apoia em uma visão de mundo que herda estruturas de concepção do sujeito profundamente afetadas pela organização binária em questão. Tudo se passa, de alguma forma, segundo a separação espírita entre matéria e alma, onde “A matéria não é senão um envoltório do espírito, como o vestuário é o envoltório do corpo. Unindo-se ao corpo, o Espírito conserva os atributos de sua natureza espiritual.” (KARDEC, 1988, p. 256). Essa homogeneidade

propriamente ontológica dos âmagos no espiritismo se atualiza na adesão da concepção de uma interioridade universal – derivada de um humanismo psicológico – simbolizada pela pessoa rogeriana presa por baixo das camadas e máscaras impostas pela sociedade. Para que eu possa vestir-me do outro – e, com isso, compreendê-lo – é necessário que nossas interioridades sejam feitas da mesma matéria e obedeçam as mesmas leis – é necessário que o “outro” seja um tipo de “eu”. A condição para a realização de cuidado através do Centro de Valorização da Vida é a preterência do interno sobre o externo. Por isso, pretende-se operar uma neutralização de si pautada pela sujeição da superfície à substância.

Contudo, ainda que opere como protocolo bem-intencionado do humanismo que pauta o cuidado dentro do CVV, a universalização da condição de pessoa – transpassada por uma hierarquia entre interno e externo, entre a pessoa e o problema – é ela mesma problemática. A seguir, daremos continuidade a citação de Paloma trazida algumas páginas acima. Ela relata um exercício de simulação dos atendimentos – o *role playing* – através do qual voluntárias e voluntários podem ocupar os lugares de atendidos e atendentes, exercitando o modelo de compreensão empática ligado ao esforço de vestir-se do outro.

P: [...] Às vezes um voluntário é homossexual e ele não tá bem com aquilo e ele ainda não... sabe? Só que isso é uma questão pessoal dele. Mas ele tem que entender que, no atendimento, ele não pode levar isso pro lado pessoal. Então vai acontecer de, às vezes, um homem liga e... do mesmo jeito que tem assédio feminino, tem assédio masculino também. A Margareth fez uma vez uma simulação com o Pablo que era um outro menino lá. Ela falou assim: “Pablo”... a Margareth falando pra ele como se ela fosse um homem, simulando, falando assim: “nossa, mas eu to vendo pela sua voz que você parece gay. Nossa, mas que gracinha você”... ele começou a ficar vermelho, vermelho, vermelho... e daí ele ficou mudo. Travou e não conseguia mais falar. Daí todo mundo

parou... daí a Margareth falou assim: “Pablo, isso não pode acontecer no atendimento. Você tem que saber que não é com você. Sempre volte pra pessoa. Entendeu?”.

Através dessa passagem, podemos entender como se dá a aplicação prática da metafísica da substância que pauta hierarquicamente a distinção entre interioridade e exterioridade. Nota-se, de relance, como os limites da universalidade da condição de pessoa apropriada pelo Centro de Valorização da Vida acabam sendo também os limites impostos pela conduta heteronormativa. O preço da afirmação absoluta de uma subjetividade infinitamente aplicável a todos indivíduos é, nesse caso, a abjeção da sexualidade homoafetiva – deixada de lado sob o signo da diferença. Como vimos anteriormente, para que a relação de cuidado do CVV seja possível, é necessário que atendido e atendente partilhem de uma mesma interioridade. Contudo, agora vemos um caso onde não há espaço nessa essência para condutas homossexuais. Aqui se encontram os elementos limitadores no centro da aparente homogenização da interioridade operada pela entidade. Na condição de pessoa – essa abstração generalizada que funciona como interface para o cuidado de outros dentro do Centro da Valorização da Vida – a homossexualidade de Pablo é tratada como algo que o impediria de incorporar a noção universalizada de pessoa e, portanto, atender corretamente segundo os códigos do CVV. O voluntário deve, nesse sentido, abrir mão dessa que é vista como uma característica superficial de sua experiência para que possa promover uma relação de ajuda através do Centro de Valorização da Vida. Deve, nos termos já postos, neutralizar a si mesmo e focar-se na “pessoa”.

Contudo, é interessante o caráter ambivalente da diferença nesse contexto. A situação posta se inicia quando Margareth, aproveitando-se da desconsideração das exterioridades múltiplas, “veste-se” de homem para testar os limites de Pablo ao inseri-lo em uma simulação de assédio durante atendimento. Ironicamente, a aparente falta de importância do envólucro em relação a seu cerne – que possibilita a voluntária apropriar-se do gênero oposto – acaba por

reafirmar a pertinência dos marcadores da diferença para a encenação. Sabendo que Pablo é homossexual, Margareth escolhe apresentar-se como homem durante o *role playing* para que possa produzir a circunstância onde o constrangimento apresenta uma provação pela qual o voluntário tem de passar. Desde o início, é a importância da sexualidade de Pablo que desencadeia o exercício. Se a homossexualidade do voluntário – vista como característica secundária – fosse irrelevante, tal questão simplesmente não seria posta durante o treinamento e a voluntária não teria operado essa mudança de identificação com o intuito específico de apresentar uma prova ao seu companheiro de exercício. Na base dessa dinâmica de neutralização está a centralidade das identificações de gênero e sexualidade. Incontornáveis, elas são mencionadas justamente para que sejam recalçadas. Postas de saída, ainda que no âmbito do não dito, elas têm sua existência reconhecida para que sejam retratadas como obstáculos para a incorporação da pessoa rogeriana – essa interioridade universalizada e ferramenta da relação de ajuda construída dentro do CVV. Na manufatura do tecido que permite vestir-se do outro, os marcadores da diferença são concebidos como o inverso da costura – a face escondida do bordado que pronuncia todas as ranhuras, texturas e sobressaltos escondidos na figura retratada. As costas deles a estampa ganha preenchimento liso e uniforme – que, em sua face oculta, esconde o relevo irregular e arredio dos pontos da agulha. Sobre eles se constrói o desenho pretendido e seu efeito de representação natural e espontânea.

Considerações finais

As prescrições discursivas que informam o modelo de atendimento do Centro de Valorização da Vida carregam consigo uma limitação das formas de imaginar subjetividades possíveis. No caso desta pesquisa, isso não se separa do fato de que o CVV em Curitiba é formado por um perfil privilegiado socialmente. Tem uma composição

marcada por sua face branca, cristã, majoritariamente heterossexual, economicamente bem estabelecida e detentora de um alto grau de instrução formal. Assim, ainda que partindo de uma boa-intenção, constrói-se uma cartografia fechada que, esquadrinhando um cenário mais ou menos estático de topologias da pessoa rogeriana e as camadas de menor importância que a sucedem, recomenda que determinadas características sejam desconsideradas. No exemplo citado acima, vemos que, com o intuito de “blindar” o voluntário contra um tipo específico de assédio, que envolve um traço de sua vida tomado como particularidade superficial em relação a seu âmbito anterior, sugere-se que ele deva aprender a desviar-se de sua própria sexualidade.

Assim, dentro do Centro de Valorização da Vida, existe um modelo subjetivo produzido através do agenciamento de enunciações que informa condutas possíveis e sancionadas para uma prática de cuidado que se pretende eficiente. Nota-se que a afirmação dessa eficiência depende da manutenção da fixidez de uma unidade que se pretende pré-discursiva, estabelecida *a priori*. Contudo, a fundação dessa subjetividade a-histórica está inevitavelmente ancorada na permanência de sentidos da caridade cristã e espírita, somada a conceitos e ideias da psicologia humanista da segunda metade do século XX. Em comum, esses dois dispositivos discursivos trazem consigo uma espécie de desconsideração da experiência social como condição para a realização válida e efetiva da relação de ajuda e da doação de si em função de outros.

Dessa forma, uma discussão política do cuidado realizado por esse grupo – formado, em sua maioria, por identidades socialmente privilegiadas – se torna inviabilizada pelo conjunto de universalizações e descontinuidades entre disposições subjetivas e condições políticas de existência. Reforçando um conjunto de imagens essencializantes que regem as pressuposições de eficácia e validade das atividades do cuidado dentro do CVV, encontra-se um conjunto de componentes históricos e políticos para a des-historização e

despolitização da experiência de cuidado nesse espaço social. Assim, diferentemente de uma crítica ao Centro de Valorização da Vida, talvez os resultados apresentados aqui devam ser compreendidos como um apelo à consideração da diferença na construção de modelo de cuidado desse que maior organização voluntária engajada em torno da prevenção de suicídio no Brasil.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 5. ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 2011
- DOCKHORN, C. N. B. F.; WERLAN, Blanca, Voluntários do CVV: características sociodemográficas e psicológicas. *Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 1, p. 162-175, 2009.
- ECHANDÍA, Claudia Luz Piedrahita. *Subjetivaciones políticas y pensamiento de la diferencia*. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2015.
- FOCÁSSIO, F.; COCHON, J. A.; LORENZETTI, V. CVV- *Uma Proposta de Vida*. São Paulo, Editora Aliança, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 20. ed São Paulo: Loyola, 2010
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice. Psychological Theory and Women's Development*. Harvard University Press, 2003.
- HIRATA, Helena Sumiko; GUIMARÃES, Nadya Araújo (Org.). *Cuidado e cuidadoras: As várias faces do trabalho do care*, 2012.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa, Araras, SP, Instituto de Difusão Espírita, 356ª edição, 2008. 275p.

- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, Instituto de Difusão Espírita, 119ª edição, 1998. 419 p.
- MANUAL do voluntário, São Paulo, Editora Fraternidade Assistencial Espírita, 2002, 120 p.
- MOLINIER, Pascale; LAUGIER, Sandra; PAPERMAN, Patricia Paperman. *Qu'est ce que le "care"?: Souci des autres, sensibilité, responsabilité*. Paris : Edition PAYOT, 2009.
- QUAGLIATO, H. C. V.. *Cuidado voluntário na prevenção de suicídio: discursos universalistas e as experiências de mulheres e homens dentro do Centro de Valorização da Vida em Curitiba*. Dissertação. (Dissertação em Sociologia) – UFPR, Curitiba, Paraná, 2020.
- ROGERS, Carl. *Tornar-se Pessoa*. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2018, 489 p.
- SANTOS D. D. *CVV: Como vai você?: CVV, 50 anos ouvindo pessoas*. [S.l.]: CVV. 2012.
- SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S. *A History of Modern Psychology*. Wadsworth Publishing, 2007
- SCOTT, Joan. The Evidence of Experience. *Critical Inquiry*, v. 17, v. 4 p. 773-797, Summer, 1991.
- TRONTO, J. C. *Caring Democracy. Market, Equality and Justice*. New York, New York University Press, 2013.

Anexo I

Quadro 1 - Perfis das entrevistadas e entrevistados.

Traço/ Nome ⁵	Camila	Gabriel	Antônio	Edirlene	Paulo	Paloma	Carina	Elizete
Idade	30	30	74	47	43	33	43	30
Gênero	Fem	Masc	Masc	Fem	Masc	Fem	Fem	Fem
Raça	Branco	Branco	Branco	Branco	Negro	Branco	Branco	Negra
Possui filhos	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não
Escolari dade	Superior Completo	Cursand o Doutor ado	Superior Completo	Superior Completo	Mestra do Completo	Cursand o ensino superior	Cursand o ensino superior	Superior Completo
Ocupação	Eng. Civil	Psicólogo	Aposentado	Dona de Casa	Eng. químico	Técnica em Enfermagem	Estudante ⁶	Arquiteta
Religião	Ateia	-	Cristão	Espírita	Católico	Diversas	Católica	Católica
Outro voluntariado	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Período em que esteve no CVV	2015- 2016	2014- 2017	1996 -	2015-2017	2015- 2018	2013- 2018	2014- 2018	2015-

Fonte: Henrique da Costa Valério Quagliato. Pesquisa de campo 2018-2019.

⁵ Em função da preservação do anonimato das entrevistadas e entrevistados, os nomes citados aqui são fictícios.

⁶ Embora Carina hoje seja estudante do curso de Psicologia da UFPR, é formada em Pedagogia e trabalha como professora há alguns anos.